Jogaram os três no Sporting, mas o fim da carreira trouxe-lhes uma nova realidade e outra profissão. Agora vendem casas

A vida pós-futebol significa sempre uma mudança drástica nas rotinas de quem se habituou a um dia-a-dia preenchido com treinos e jogos. O rótulo de jogador é reforçado com um "ex" que nem todos conseguem aceitar bem à primeira. Mas depois é preciso seguir em frente, sobretudo quando a carreira não rendeu os milhões de euros que muitos conseguem arrecadar nos dias de hoje. E há casos de quem se conheceu a partilhar relvados e balneários e se reencontrou noutra realidade, como **Venâncio, Edel e Nélson Reis:** jogaram no **Sporting**, mas agora equipam-se de outra forma.

O *i* encontrou-os de fato e gravata, como verdadeiros homens de negócios. Agora trabalham na ERA, uma empresa de mediação imobiliária. Mas nenhum dos três cortou o cordão umbilical com o futebol. Porque - assumem - "é impossível".

A conversa começa com uma animada discussão entre os dois avançados: Edel e Nélson Reis. Em causa não estava a marcação de um penálti, mas sim a antiguidade na empresa. O primeiro tomou a palavra e passou a explicar. "**Entrei como comercial, há 11 anos, através de uma pessoa que também estava ligada ao futebol.**
" O amigo puxou o amigo e, depois de 11 anos como jogador e quatro como treinador, Edel trocou o negócio das quatro linhas pelo das quatro paredes. O mesmo aconteceu com Nélson Reis, com uma diferença: o futebol acabou mais cedo - aos 26 anos. De resto, foi a "malta da bola", que até está à frente de "sete ou oito lojas na Margem Sul" que o levou para a mediação imobiliária.

Hoje, estão à frente de duas das melhores agências da empresa. Recebem estagiários com frequência, mas também procuram aprender sempre mais. "Aliás, ainda outro dia falei com o Nélson [Reis] sobre a possibilidade de ir estagiar para a loja dele. Acontece diariamente porque temos muito a ganhar com isso", explica Edel.

Já a história de Venâncio escreveu-se de outra forma. Teve uma carreira mais recheada - com dez épocas no Sporting, duas no Boavista e 21 internacionalizações -, mas chegou à ERA há pouco tempo. Antes ainda foi treinador [adjunto de Mirko Jozic, Giuseppe Materazzi e Augusto Inácio, de 1998 a 2000] e sócio--gerente de uma loja em Setúbal. "A loja acabou por fechar e surgiu esta oportunidade. Antes já tinha feito um pedido ao Edel, só que não havia vagas para comerciais. Entretanto vi um anúncio no jornal e estou lá há 17 meses."

Apesar de lidar diariamente com os clientes, as pessoas nem sempre reconhecem Venâncio à primeira. "Muitos associam logo, o que é normal em **Setúbal**. Mas também há quem só chegue lá quando me apresento. E depois até começam a falar em futebol."

Os pontapés na bola O futebol, como o conheceram durante muitos anos, ficou para trás. Mas ainda está presente na vida de cada um deles. "**É um bichinho terrível. Não dá para desligar. Eu continuo nos veteranos do Sporting. Às vezes até dedico demasiado tempo, em prejuízo do trabalho e da família**
", conta Edel. Nélson Reis também joga, nos veteranos do Fernão Ferro - "uma equipa criada com pessoas da empresa, das lojas ali da zona" - e até tem treinos às terças e quintas. "Mas vou ser sincero: raramente consigo ir. O envolvimento no trabalho é tão grande que se torna complicado. Atingimos um patamar equivalente à Liga dos Campeões da mediação imobiliária. À terça é mesmo impossível. Mas à quinta tento organizar as coisas para poder ir, porque esquecemos todos os problemas do trabalho. Chego ali ao pelado do Fernão Ferro para dar uns pontapés na bola e esqueço tudo. É como se voltasse à adolescência."

Venâncio não faz parte de nenhuma equipa de veteranos porque as mazelas dos tempos de jogador (foi operado quatro vezes ao joelho esquerdo e duas ao direito) não perdoam. Edel e Nélson Reis até o convidam para assistir a alguns jogos, mas custa-lhe acompanhar. "A velocidade é tão grande que chego a adormecer..."

Viagem ao passado As passagens de Edel (1989-1991) e Nélson Reis (1984-1987, dos juvenis aos seniores) por Alvalade tiveram um ponto em comum: Venâncio já lá estava. Por isso, quando o *i* tenta começar uma viagem ao passado, o antigo capitão faz questão de marcar a diferença. "[Eu e o Edel] não jogámos juntos. Ele é que jogou comigo!" Reposta a verdade, Venâncio lembra como chegou aos seniores do Sporting. " **Tive a sorte de estar no sítio certo à hora certa. Jogava nos juniores, num pelado que existia em frente à antiga porta 10A, e os seniores, treinados pelo [Malcolm] Allison, tinham ido almoçar à Churrasqueira do Campo Grande [nessa altura não havia estágios antes dos jogos]. A minha sorte foi que o Allison reparou que estava a haver um jogo de juniores e decidiu ir lá ver. Devia estar a jogar bem, de certeza, porque logo na segunda-feira seguinte fui chamado para começar a treinar com os seniores**
."

Entretanto, Nélson Reis mostra uma foto do plantel de 1986/87, época em que subiu à equipa principal do Sporting. E eis que a entrevista passa para segundo plano durante alguns minutos, para dar lugar a uma amena cavaqueira sobre vários jogadores que aparecem na foto. Comentam-se cabelos, capacidades técnicas e relembram-se histórias antigas.

A certa altura, param para falar de um avançado loiro, inglês - embora com ar escandinavo -, chamado Rob McDonald. "Era impressionante", recorda Nélson Reis. "Uma vez fiquei no quarto com ele, na Islândia. Foi quando ganhámos 9-0 [ao Akranes, na 1.a eliminatória da Taça UEFA; McDonald entrou ao intervalo, ainda a tempo de fazer três dos cinco golos que apontou em dez jogos no Sporting]. O homem demorou uma hora na casa de banho a enrolar os caracóis. Ele adorava o cabelo. Até metia rolos na cabeça! Era um vaidoso."

Ainda assim, Nélson não é o único com recordações curiosas de McDonald. Agora é a vez de Venâncio. "Naquela altura, quando jogávamos em casa, estacionávamos o carro na garagem do estádio. Não era como agora, que há um espaço enorme no piso inferior para estacionar. E era também ali que ficava guardado o autocarro. Aquilo tinha uma escadinha que dava para uma fossa onde o mecânico se punha a tratar do autocarro. Houve um dia em que o McDonald, que andava sempre de óculos escuros, entrou por ali assim e enfiou o carro dentro do buraco sem saber como."

A conversa continua sobre rodas. Como as do carro de Edel, quando dava boleia a Figo e Amaral. "Nem mais. Eram rapazinhos novos, ainda nem tinham carta de condução. Eu saía da Charneca da Caparica, ia buscar os meninos - o Figo perto da Cova da Piedade e o Amaral a Almada - e depois íamos para o treino. No regresso, vinha mais um: o **João Oliveira Pinto,** que desorientava ainda mais aquilo."

In ionline.pt